

V.21 n°44 (2025)

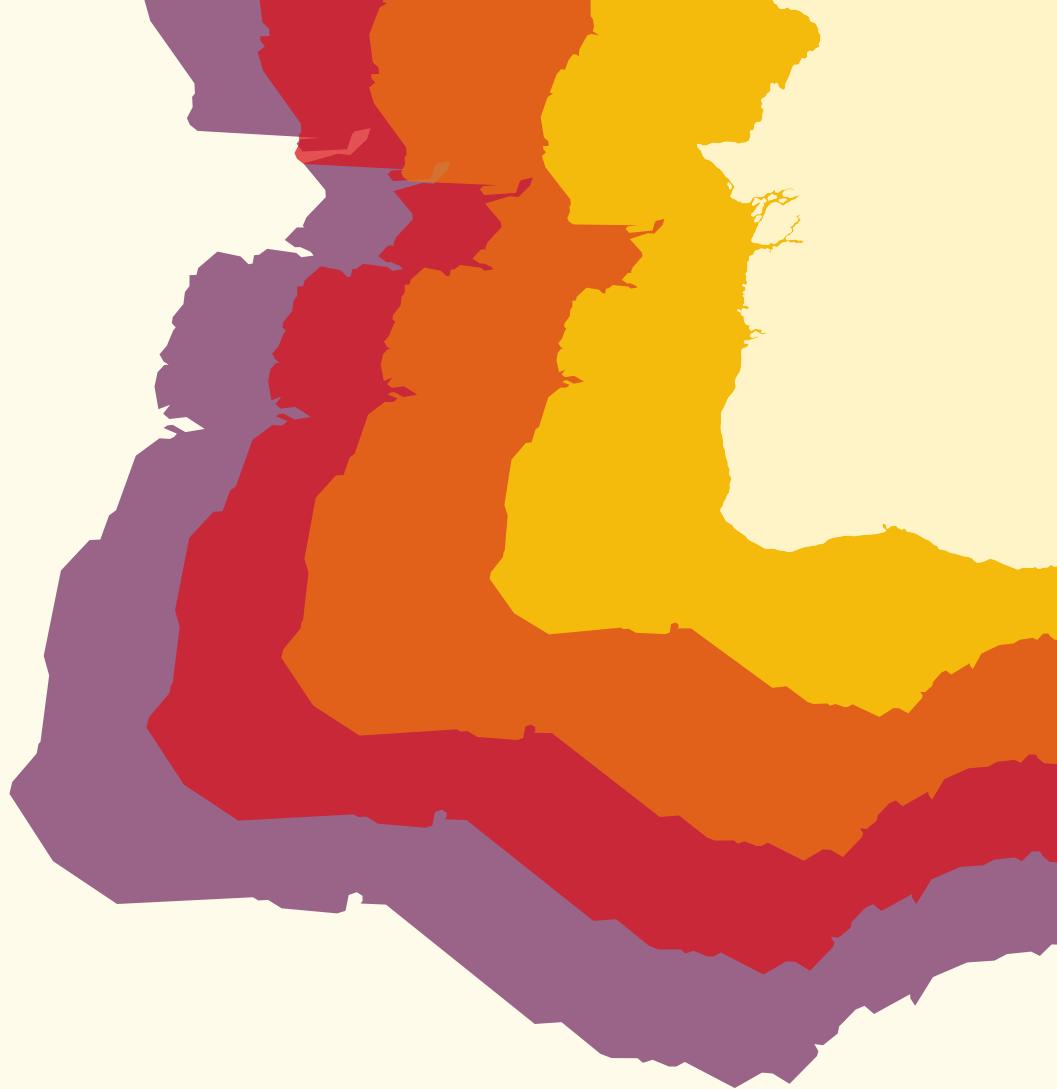
REVISTA DA
**AN
PE
GE**

ISSN 1679-768X

a

ANPEGE

Associação Nacional
de Pós-graduação e
Pesquisa em Geografia



NOTAS DE PESQUISA

Disputa hegêmônica, guerras e o Brasil na corda bamba

Hegemonic dispute, wars and Brazil on a tightrope

Disputa hegemónica, guerras y Brasil en la cuerda floja

DOI: 10.5418/ra2025.v21i44.20011

ADÃO FRANCISCO DE OLIVEIRA

Universidade Federal do Tocantins

V.21 n.º44 (2025)

e-issn : 1679-768X

RESUMO: Este texto tem por finalidade realizar uma análise de conjuntura do cenário geopolítico mundial no contexto da década de 2020, focando a sua atenção no recrudescimento de conflitos bélicos regionais e nos dispositivos ideológicos que sinalizam a reativação da chamada “guerra fria”. A ideia central é compreender o Brasil e as suas perspectivas de enfrentamento e resolução das desigualdades socioespaciais em meio a este cenário de tensão, analisando a sua disposição econômica e político-diplomática frente aos agentes beligerantes. Este exercício é feito com base em análise histórica e dialética da relação entre os principais agentes envolvidos na tensão geopolítica atual. Ressalta-se que este texto foi produzido para comunicação na mesa-redonda Geografia, Cultura e Política no Enfrentamento das Desigualdades Socioespaciais Brasileiras, ocorrida no VIII Congresso Brasileiro de Geógrafas e Geógrafos em julho de 2024, na USP, em São Paulo.

Palavras-chave: disputa hegemônica; guerra fria; análise de conjuntura.

ABSTRACT: This article aims to analyze the current situation of the global geopolitical scenario in the context of the 2020s, focusing on the resurgence of regional armed conflicts and the ideological mechanisms that signal the reactivation of the so-called “Cold War”. The central idea is to understand Brazil and its perspectives for confronting and resolving socio-spatial inequalities amid this tense scenario, analyzing its economic and political-diplomatic disposition towards the belligerent agents. This exercise is based on a historical and dialectical analysis of the relationship between the main agents involved in the current geopolitical tension. It should be noted that this text was produced for communication at the roundtable Geography, Culture and Politics in Confronting Brazilian Socio-spatial Inequalities, held at the VIII Brazilian Congress of Geographers in July 2024, at USP, in São Paulo.

Keywords: hegemonic dispute; cold war; conjuncture analysis.

RESUMEN: Este artículo se propone realizar un análisis de coyuntura del escenario geopolítico global en el contexto de la década de 2020, centrándose en el resurgimiento de los conflictos armados regionales y los dispositivos ideológicos



Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. CC BY - permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

que señalan la reactivación de la llamada “guerra fría”. La idea central es comprender Brasil y sus perspectivas de enfrentamiento y resolución de las desigualdades socioespaciales en medio de este tenso escenario, analizando su disposición económica y político-diplomática frente a los agentes beligerantes. Este ejercicio se basa en un análisis histórico y dialéctico de la relación entre los principales agentes involucrados en la actual tensión geopolítica. Cabe señalar que este texto fue producido para su comunicación en la mesa redonda Geografía, Cultura y Política en el Enfrentamiento de las Desigualdades Socioespaciales Brasileñas, realizada en el VIII Congreso Brasileño de Geógrafos en julio de 2024, en la USP, en São Paulo.

Palabras clave: disputa hegemónica; guerra fría; análisis de coyuntura.

INTRODUÇÃO

O fim da Segunda Guerra Mundial, em meados do século XX, marcou uma mudança de hegemonia na orquestração dos poderes em âmbito global. Ela retirou do comando os velhos impérios europeus – destroçados pela recíproca antagonização nos *fronts* –, que tinha a Inglaterra com leve vantagem, e fez emergir uma disputa que colocou em oposição ocidente e oriente, capitalismo e socialismo, nas representações imediatas de EUA e URSS, que liderariam os blocos de poder até o final daquele século.

Essa nova configuração geopolítica, parida pela crise geral do capitalismo de meados do século passado, foi marcada por significativos avanços técnicos e científicos desenvolvidos para suportar a guerra. Logo, o espólio da guerra seria marcado pela expansão de redes técnicas fruto do desenvolvimento de altíssima tecnologia e de caráter beligerante. Este é o contexto embrionário de constituição do fenômeno da globalização, compreendida por Milton Santos como o “*estágio supremo da internacionalização*”, quando ocorrem a unidade técnica, a convergência dos momentos e a unicidade do motor, formando um único sistema técnico como base material da mundialização, pautado na instantaneidade da informação e unificado pelo sistema bancário (SANTOS, 2008b). De todos os objetos que representaram esse novo tempo a partir de reorganizações socioespaciais, dois artifícios se destacaram na marcação do tom: a bomba de destruição em massa, utilizada pela primeira vez por EUA em 1945; e os foguetes espaciais, aventurados em primeira mão pela URSS no final da década de 1950. Sobre esse último artifício, comenta Porto-Gonçalves:

Estados Unidos, sentindo-se parcialmente vencidos na corrida espacial (e tecnológica), desencadearam, então um ousado projeto espacial que culminaria com a nave Apolo, que desceria mais tarde (1969) na lua [...] Agora, vista do alto, [a Terra] aparece sem fronteiras,

e aquele mundo que o Maio de 1968 também quisera sem fronteiras verá surgir, em julho de 1969, a sua própria contraimagem, com a afirmação de mais um mundo a ser colonizado, conquistado, a começar com a lua que, assim, começa a perder seu romantismo. Na lua finca-se uma bandeira e não é a bandeira do mundo: é a bandeira de EUA! (PORTO-GONÇALVES, p. 11-14, 2023).

Em torno do pretenso monopólio sobre essas duas tecnologias, EUA e URSS protagonizaram sobre um cenário mundial de grandes avanços tecnológicos e de grande tensão política na segunda metade do século XX. Em que pese este último país flamular a bandeira do socialismo, este não era mais do que um socialismo de Estado, dado que a organização de seu modo de produção ainda de assentava sobre o monopólio estatal e privado dos meios de produção, sobre a mais-valia, sobre a concentração de renda e sobre uma sociedade de classes crescentemente desiguais.

Assim, com base nas premissas do modo de produção capitalista, o que se viu na URSS foi um híbrido que retroalimentou os sentidos deste modo de produção, se nem tanto por intenção, certamente por incapacidade sistêmica de não se contaminar pelo vírus do mercado, querendo participar de uma disputa mercadológica internacional. O socialismo, tal qual se desenhou no grande império soviético, uma vez correndo na corrente sanguínea do capitalismo, permitiu a este desenvolver anticorpos. Logo, este período representou um grande salto histórico para o capitalismo, tanto do ponto de vista econômico, tecnológico, científico, cultural e político. Os 50 anos que marcaram a segunda metade do século XX representaram o período de maior avanço técnico da humanidade em 1,5 milhão de anos (SANTOS, 2008a).

Politicamente falando, a disputa entre capitalismo e socialismo soviético alimentou ideologias que no mundo afora permitiram organizações político-partidárias e sociopolíticas, ensaiando teses de desenvolvimento e realizando a concorrência pelo poder. Neste campo, na perspectiva da disputa hegemônica e buscando carregar vantagem, EUA e URSS, por não conhecerem até então a real dimensão de força uma da outra, travaram no cenário mundial a chamada “guerra fria”. Responsável pela grande tensão política mencionada anteriormente, a guerra fria implicou no uso de amplos recursos persuasivos por ambas as potências nos países onde os blocos de poder se contrapunham acirradamente, até as vias mais violentas, marcadas por desestabilizações de regimes, incitação a golpes de Estado e instituição de ditaduras (REIS, 2021; BANDEIRA, 2006; AGÊNCIA EFE, 2013).

CIA, FAKE NEWS E GUERRAS

Focaremos aqui no caso de EUA, uma vez que o vínculo institucional direto do Brasil neste período se deu com este país. Em um denso artigo publicado no periódico espanhol *El País* em junho de 2018 sob o

título “*A longa história das notícias falsas*”, o Guillermo Altares (2018) inicia o seu texto relembrando o dramaturgo grego Esquilo: ***a primeira vítima da guerra é a verdade***. De fato, no rol dos recursos persuasivos utilizados por EUA, o da difusão de notícias falsas ou, como comumente tem sido conhecida no século XXI, *fake news*, é um primeiro, forte e importante arranjo (LORENS, 2021; PINHONI, 2022). Possivelmente Louis Althusser, se estivesse vivo, teria se dedicado a nos ajudar a compreender melhor as artimanhas desse recurso. Mas esse recurso é apenas um dos...

O cientista político estadunidense Loch Johnson (1996) denominou a guerra fria de “*hidden world war three*”, ou seja, a terceira guerra mundial escondida. Ela não é fruto do acaso, mas sim, resultado das políticas imperialistas estadunidense e soviética. Para ter vantagem nessa guerra, EUA criou em 1947 a CIA - *Central Intelligence Agency*, ou Agência Central de Inteligência, cujo objetivo era o de, segundo a Wikipédia, “*coletar, processar e analisar informações de segurança nacional de todo o mundo, principalmente por meio do uso de inteligência humana, e conduzir ações secretas por meio de sua Diretoria de Operações*”.

Já para o cientista político Luiz Alberto Moniz Bandeira (2006), no artigo *A CIA e a técnica do golpe de Estado*, publicado na Revista Espaço Acadêmico, as táticas dessa agência consistem nos seguintes recursos (geralmente nesta ordem de sucessão):

- 1) a "penetração", que implica na infiltração de agentes insufladores na política do país alvo;
- 2) a produção de *fake news*;
- 3) a desestabilização, realizada até mesmo com a mediação do tráfico de drogas, do fortalecimento de gangues, milícias e, fundamentalmente, do tráfico de armas;
- 4) a provocação de clima político e social polarizado;
- 5) a *lawfare*, ou seja, a guerra jurídica, através da manipulação das leis como um instrumento de combate a um oponente, desrespeitando os procedimentos legais e os direitos do indivíduo ou do grupo que se pretende eliminar (JULIA, 2020);
- 6) a incitação ao golpe de Estado contra governos democraticamente constituídos;
- 7) a guerra contra o país; e
- 8) a usurpação de seus recursos econômicos.

Assim, desde a criação da CIA, dezenas de golpes de Estado se acumulam no currículo da agência e de EUA, a começar pelo reconhecido golpe contra o governo do Irã, em 1953, conforme revelou o G1 a partir da agência espanhola de notícias EFE (2013), seguido pela tentativa de golpe da Guatemala em 1954 e

concretizada em 1963, ano em que o Equador também passou pelo mesmo processo, sendo que no ano anterior isso aconteceu na Argentina e no Peru, e no ano seguinte no Brasil, para dar alguns exemplos. Da mesma forma, dezenas de guerras foram empreendidas por EUA, especialmente no Oriente Médio e no Extremo Oriente.

O BRASIL NA CORDA BAMBA

E como ficou o Brasil neste cenário da segunda metade do século XX? Para responder a esta pergunta, a análise das formas geográficas deve acontecer a partir da sobreposição dos tempos históricos, partindo da conjuntura ou, como compreenderam os historiadores da Escola dos Annales, da *história imediata* (LACOUTURE, 1990), algo que Karl Marx realizou muito bem em suas experiências como articulista de periódicos de sua época (MARX, 1982), até a *longa duração* do tempo geográfico de Fernand Braudel, associada ao tempo das mentalidades de Michel Volvelle (BURKE, 1992). Articulando essas duas pontas, o tempo médio, no qual os modelos econômicos se conformam.

Nessa perspectiva, o Brasil foi constituído enquanto país na aurora do modo de produção capitalista, sendo que a divisão internacional do trabalho dirigida pelos países ibéricos conferiu à sua formação socioespacial um lugar no sistema-mundo. Nessa totalidade, ao Brasil foi conferida a condição de produtor de *commodities* agrícolas com base na monocultura, voltada ao abastecimento dos interesses da metrópole, realizada em grandes extensões de terras afeitas ao latifúndio, sedimentada no trabalho oriundo da escravidão mercantil e controlado pela elite branca de origem europeia.

É com base nessas premissas que o Brasil foi inventado e nas quais a mentalidade de nação se constituiu, perpassando os séculos até os dias de hoje. Em que pese mais de 500 anos marcarem o início desse empreendimento, a estrutura mental atrelada à estrutura econômica de um sistema colonial de mais de 300 anos subjaz no imaginário coletivo da nação e na sucessão das formas, dos tempos e das conjunturas esse imaginário vai se reproduzindo. A economia e a mentalidade coloniais projetaram uma sociedade de classes fortemente desiguais, na qual o racismo estrutural (ALMEIDA, 2019), o clientelismo eleitoral (LEAL, 2012) e o conservadorismo político (ALMEIDA, 2018) são o seu esteio. No suceder dos tempos, apesar da transformação das formas geográficas e da evolução das disputas políticas, o país continua alinhado ao papel que lhe foi designado historicamente na divisão internacional do trabalho controlada por nações do norte (Portugal, depois Inglaterra e a partir de meados do século XX EUA): o de produtor de *commodities* em grandes extensões territoriais para exportação.

Com esse fundamento, saltamos historicamente para a segunda metade do século XX, quando identificaremos quatro fases distintas entre 1950 e 2024. A primeira delas teve início em 1930 e durou até 1964 e foi marcada pela força do nacional-desenvolvimentismo de Getúlio Vargas. Aproveitando-se da grande crise econômica internacional do entre guerras, Vargas empreendeu uma política econômica de substituição de importações e de industrialização, além da expansão das fronteiras agrícolas ao oeste brasileiro, através de projetos de colonização com o incentivo do Estado. No empreendimento da *Marcha para o Oeste*, o governo autoritário de Getúlio Vargas ignorou as alteridades sociais presentes no grande sertão e estabeleceu as bases contemporâneas das desigualdades socioespaciais do país, fomentando e fortalecendo a empresa capitalista, expandindo o território do capitalismo agrário e desterritorializando as comunidades tradicionais do sertão e todos os empobrecidos da terra mediante o espólio, como bem definiram David Harvey (2006) e Denis Castilho (2019).

A segunda fase corresponde ao fim da “era Vargas” e ao início da Ditadura Militar, sob influência direta da guerra fria. Assim como Eric Hobsbawm (1995), parto do pressuposto de que a associação cronológica direta não é a base para se enquadrar os fenômenos históricos, mas o raio de alcance da influência dos eventos. Logo, a “era Vargas” não terminou em 1954, quando de sua morte, mas em 1964, com a deposição de João Goulart – “discípulo” de Vargas – da presidência da República. Fruto de um movimento empresarial-militar com apoio de EUA e da CIA, o golpe de 64 visou, em âmbito internacional, demarcar a influência deste país na América Latina, retirando do Brasil as possibilidades de relações mercantis com o bloco socialista, e no âmbito nacional uma aliança conservadora das velhas elites agrárias, freando os investimentos na industrialização e concentrando-os na expansão agrícola, numa segunda expressão da *Marcha para o Oeste*.

Nesta perspectiva, houve uma estrita vinculação desse empreendimento ao capital financeiro internacional, que patrocinou tanto a frente pioneira promovida pelo Estado, quanto a modernização da agropecuária e dos negócios com base nos artifícios tecnológicos da globalização em curso. Tal vinculação alimentou a tese de *desenvolvimento dependente* de Florestan Fernandes e de *desenvolvimento associado-dependente* de seu aluno, Fernando Henrique Cardoso (MORAES, 2021). Não obstante, houve também uma perda substancial de empregos, a fragilização da economia nacional frente a crise sistêmica do petróleo a partir de 1973 e a ampliação das desigualdades socioespaciais, especialmente nas metrópoles em desenvolvimento.

A terceira fase corresponde ao contexto dilatado da redemocratização, que se estende de 1984 a 2003, compreendendo os governos de José Sarney, Fernando Collor, Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso. Esta fase é marcada por três dialécticas conjunturas: a depressão econômica da “década perdida”

versus o recrudescimento dos movimentos sociais; a promulgação da Constituição “Cidadã” de 1988 *versus* o início de implantação dos ajustes neoliberais; e a estabilização monetária *versus* o desmonte do Estado Nacional. Sem dúvida, a imposição neoliberal de enfraquecimento do Estado mediante a ortodoxia do pagamento dos juros da dívida externa em contraposição aos investimentos na indústria, no trabalho e nas áreas sociais frustrou toda a expectativa dos brasileiros com as possibilidades do Plano Real.

Essa frustração foi a parteira da quarta fase, compreendida como a de um neodesenvolvimentismo ou, como interpretou Luiz Cesar de Queiroz Ribeiro, *democrática-redistributiva* (RIBEIRO, 2015). Ela foi inaugurada com a ascensão do Partido dos Trabalhadores ao governo federal, sob o comando da eleição de Lula para a presidência da República. Em 500 anos de história, essa foi a primeira vez que um governo democrático-popular foi eleito no Brasil, acendendo uma nova esperança ao século XXI, embora as artimanhas do sistema eleitoral do país tenham imposto ao bloco de centro-esquerda a necessidade de constituição de uma frente ampla, alojando parte da direita no governo e cedendo parte do projeto às imposições do Congresso Nacional.

Mesmo assim, pautado na consulta popular, no planejamento integrado e no diálogo com a academia científica, os quatro governos consecutivos do PT conseguiram atenuar as mazelas sociais do país mediante políticas sociais de redistribuição de renda. Houve reinvestimento na indústria e a retomada de seu crescimento e, por decorrência, um aumento do emprego e a redução da taxa de desemprego ao menor patamar histórico, com especial atenção nos ramos de alimentação, construção civil, naval e espacial. A educação básica foi fortalecida com a criação do Fundeb em substituição ao Fundef, com a triplicação do número de institutos federais e com a ampliação do número de campus e vagas nas universidades federais, elevando a pesquisa científica a um outro patamar. Políticas como o Territórios da Cidadania, o MCMV Rural, o Luz para Todos, o Caminhos da Escola e o Compra Direta sedimentaram a primeira experiência efetiva de reforma agrária no Brasil. Segundo matéria de O Globo de maio de 2011, em oito anos de governo Lula a pobreza no Brasil foi reduzida em 50,6% (ENNES, 2011).

Porém, nesse mesmo século XXI em que o Brasil iniciou uma nova era de desenvolvimento, o fantasma do socialismo que assombrava EUA se reconfigurou da URSS para a China, que viveu uma ascensão econômica meteórica a partir de 1980. Isso porque com o foco de EUA no capital financeiro e especulativo, a China incorporou a produção industrial bruta de bens de consumo imediatos e duráveis, embasando o seu crescimento numa economia material e real. Organizada com base no mesmo socialismo de Estado da União Soviética e assumindo o papel econômico de liderança das nações que necessitam e desejam se desvincilar do domínio americano, a China passou a liderar um novo bloco de poder, em associação com os emergentes Brasil, Índia, Rússia e África do Sul, que formam o BRICS.

FINALIZANDO PARA CONTINUAR DEPOIS

Hoje, diante do avanço da economia chinesa, do fortalecimento do BRICS e de sua expansão, EUA se sente ameaçado a perder a hegemonia no mundo e lança, mais uma vez, o terror global, causando distúrbios, horror, medo e confusão mental. As guerras da Ucrânia contra a Rússia e de Israel contra a Palestina são fomentadas e alimentadas pelo estado americano e as tentativas de golpes voltam a apavorar mundo afora, desde o Brasil. E qual foi a influência da guerra fria sobre as desigualdades socioespaciais brasileiras? Ora, se o golpe de 64, marcado pela repressão e pela violência de Estado, acirrou as desigualdades históricas neste país ao nível de se tornarem um espanto mundial, com as novas investidas da CIA para reter a autonomização do Brasil em relação a EUA a partir do *impeachment* da Dilma, caminhamos décadas em marcha-à-ré na nossa história política e econômica. Os indicadores sociais do governo Bolsonaro não deixam dúvidas sobre isso.

Frente a essa tensa realidade, o Brasil se encontra hoje, mais do que nunca, numa corda bamba, se equilibrando numa linha tênue frente a uma disputa hegemonic que, por um lado, o coloca com maior autonomia política (mesmo que provisoriamente), com liderança internacional e com perspectivas de retomada do desenvolvimento social iniciado no limiar do século XXI. Por outro lado, se vê pressionado pela ameaça intervencionista e bélica de EUA, que já tem demonstrado não estar disposto a se ver superado pela China e nem permitir que o BRICS supere o G7.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIA EFE. CIA admite que ajudou a planejar golpe de Estado no Irã em 1953. **G1 – Mundo**, São Paulo – SP, 19/08/2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/08/cia-admite-que-ajudou-planejar-golpe-de-estado-no-ira-em-1953.html>. Acessado em: 05/07/2024.

ALMEIDA, S. L. de. Neoconservadorismo e liberalismo. In: GALLEGOS, E. S. (org.). **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo – SP: Boitempo, 2018.

_____. **Racismo estrutural**. São Paulo -SP: Sueli Carneiro / Pôlen, 2019.

ALTARES, G. A longa história das notícias falsas. **El País**, Madri – ES, 18/06/2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/08/cultura/1528467298_389944.html. Acessado em: 05/07/2024.

BANDEIRA, L. A. M. A CIA e a técnica do golpe de Estado. **Revista Espaço Acadêmico**, N° 58, p. 1-7, março de 2006.

BLIGHT, K. J. Mind control, CIA. 1950-1953: Bluebird, Artichoke, MK-ULTRA; 2000s cyberspace. **Researchgate**, 08/2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/362620908_Mind_control_CIA_1950-1953_Bluebird_Artichoke_MK-ULTRA_2000s_cyberspace. Acessado em: 05/07/2024.

BURKE, P. **A Escola dos Annales (1929-1989)**: a revolução francesa da historiografia. 2^a ed. São Paulo – SP: Editora Unesp, 1992.

CASTILHO, D. Redes e processos espoliativos no Centro-Norte do Brasil. In: OLIVEIRA, F. G. de; *et. al.* (orgs.). **Espaço e economia**: geografia econômica e economia política. Rio de Janeiro – RJ: Consequência, 2019.

ENNES, J. Governo Lula reduziu pobreza do país em 50,6%, mostra estudo. **G1 – Economia**, São Paulo – SP, 03/05/2011. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2011/05/governo-lula-reduziu-pobreza-do-pais-em-506-mostra-estudo.html>. Acessado em: 05/07/2024.

HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. 2^a ed. São Paulo – SP: Annablume, coleção “Geografia e adjacências”, 2006.

HOBSBAWM, E. **Era dos extremos**: o breve século XX. São Paulo – SP: Companhia das Letras, 1995.

JOHNSON, Loch K. **Secret agencies**: U.S. intelligence in a Hostile World. New Haven – London: Yale University Press, 1996.

JULIA, I. *Lawfare*: o que esse termo significa? **Politize!** – Direito e legislação, 28/09/2020. Disponível em: <https://www.politize.com.br/lawfare/>. Acessado em: 05/07/2024.

LACOUTURE, J. A história imediata. In: LE GOFF, J. (org.). **A história nova**. São Paulo – SP: Martins Fontes, 1990.

LEAL, V. N. **Coronelismo, enxada e voto**: o município e o regime representativo no Brasil. 4^a ed. São Paulo – SP: Companhia das Letras, 2012.

LORENS, E. *Fake News* e desinformação: uma ameaça à democracia. **Correio Brasiliense**, Brasília – DF, 09/04/2021. Disponível em: <https://www.correiobrasiliense.com.br/opiniao/2021/04/4917137-artigo-fake-news-e-desinformacao-uma-ameaca-a-democracia.html>. Acessado em: 05/07/2024.

MARX, K. **As lutas de classes em França**. 2^a ed. Lisboa – Pt: Edições Avante, 1982.

MORAES, I. A. de. A interpretação do desenvolvimento independente e associado de Fernando Henrique Cardoso: uma revisão crítica. **Mundo e Desenvolvimento**, Vol. 5, Nº 6, dossiê “A questão do desenvolvimento no pensamento social brasileiro”, p. 30-54, 2021.

PINHONI, M. *Fake News*: entenda como funciona a fábrica de desinformação política no Brasil. **G1 – Fato ou fake**, São Paulo – SP, 27/10/2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2022/10/27/fake-news-entenda-como-funciona-a-fabrica-desinformacao-politica-no-brasil.ghtml>. Acessado em: 05/07/2024.

REIS, L. a CIA derruba Mossadegh primeiro líder democraticamente eleito do Irã. **Estratégia Global**, Rio de Janeiro – RJ, 19/08/2021. Disponível em: <https://estrategiaglobal.org/2021/08/19/hoje-na-historia-a-cia-derruba-mossadegh-primeiro-lider-democraticamente-eleito-do-ira/>. Acessado em: 05/07/2024.

RIBEIRO, L. C. de Q. A metrópole: entre a coesão e a fragmentação, a cooperação e o conflito. In: RIBEIRO, L. C. de Q. *et. al.* (orgs.). **Metrópoles**: entre a coesão e a fragmentação, a cooperação e o conflito. 2ª ed. Rio de Janeiro – RJ: Letra Capital / Observatório das Metrópoles / INCT, 2015.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 10ª ed. Rio de Janeiro – RJ: Record, 2003.

_____. **A natureza do espaço**. São Paulo – SP: Edusp, coleção “Milton Santos, 1”, 2008a.

_____. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo – SP: Edusp, coleção “Milton Santos 7”, 2008b.

WIKIPÉDIA. **CIA – Central Intelligence Agency**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Central_Intelligence_Agency. Acessado em: 05/07/2024.

_____. **Golpe de Estado na Guatemala em 1954**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Golpe_de_Estado_na_Guatemala_em_1954. Acessado em: 05/07/2024.

_____. **Lista de golpes de Estado e tentativas de golpe**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_golpes_de_Estado_e_tentativas_de_golpe. Acessado em: 05/07/2024.

SOBRE O AUTOR

Adão Francisco de Oliveira  - Professor da graduação e da pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Tocantins - campus de Porto Nacional. Doutor e pós-doutor em Geografia (IESA-UFG). Pós-doutor em Planejamento Urbano e Regional (IPPUR-UFRJ). Graduado em História (FCHF-UFG) e mestre em Sociologia (FCS-UFG). Coordenador do OPTE - Observatório de Políticas Territoriais e Educacionais / UFT / CNPq. Ex-presidente da ANPEGE (2022-2023). Ex-secretário Estadual de Educação do Tocantins, ex-secretário Estadual de Cultura do Tocantins e atual secretário Estadual de Igualdade Racial do Tocantins.

E-mail: adaofrancisco@gmail.com

Data de submissão: 20 de setembro de 2024

Aceito para publicação: 15 de junho de 2025

Data de publicação: 30 de junho de 2025